



ESTRATÉGIAS DE ENSINO PARA ATIVAR A APRENDIZAGEM DO ALUNO NAS AULAS DE CULTURA E TECNOLOGIAS DIGITAIS

ISABEL MEDIANEIRA; RODRIGUES DOS SANTOS

RESUMO

Este resumo traz estratégias de ensino para engajar alunos com dificuldades no uso de tecnologias em sala de aula. Com diversas dificuldades, eles foram envolvidos num projeto fotográfico, em que a autonomia foi fundamental para o resultado positivo. Foi a partir da observação da importância das selfies na vida dos jovens, que a ideia de estudar a evolução tecnológica, somando a história da fotografia e das máquinas de fotografia até o uso do celular, resgatou os estudantes que não viam sentido na nova disciplina. O relato não encerra todo o processo mas destaca pontos fundamentais onde o aluno criou vínculo com o conteúdo ao mesmo tempo produzia seu próprio material.

Palavras-chave: projeto; estratégias; dificuldades; autonomia; resultado.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho relata usos estratégicos de ensino para engajar os alunos que não tinham contato mais profundo com usos de tecnologias em sala de aula². Muitos alunos não se mostraram dispostos a participar das atividades propostas para a nova disciplina do novo ensino médio “cultura e tecnologias digitais”. Para eles, essa disciplina era uma grande e incômoda novidade, pois não se interessavam em aprender o conteúdo. Eles burlavam os comandos do professor e acabavam por acessar youtube, games e redes sociais.

Um número grande do grupo vinha de escolas e de lares sem acesso pleno à web, alguns de zona rural com acesso limitado e precário. Sendo assim, não possuíam dinâmica e conhecimento com computadores, ou no caso com o chromebook, principal instrumento das aulas de CTD (Cultura e tecnologias digitais). A preparação para o uso do chromebook, como fazer e-mail institucional, além de aprender usar Google sala de aula, correio eletrônico institucional, abrir links, uso de caderno virtual (keep), entre outros recursos, foi longa e cansativa, pois muitos dos alunos descumpriam os acertos de tentar progredir no uso das ferramentas necessárias para a aprendizagem de conteúdos do currículo da nova disciplina. Entretanto, pensando na atualidade dos domínios tecnológicos que estão próximos a grande número de alunos, quando Costa Magalhães (2007) cita Jonassen: "Os alunos devem abordar a aprendizagem de forma activa e consciente, devem entender e executar as suas intenções pessoais para aprender, pensar e regular esses processos" (p. 298), decorre a certeza de

repensar o planejamento pedagógico e enlaçar novos saberes. Costa Magalhães (2007) ainda conclui que nessa abordagem “passamos, pois, de uma valorização do produto para uma focalização no processo”.

Ao perceber, que esses alunos queriam aproveitar a oportunidade de acesso à internet para navegar pela internet sem preocupação com a aula que ocorria no momento (compara-se ao uso indiscriminado que o aluno faz do celular em sala de aula), foi necessário um corte nas aulas com o chromebook, voltar à louça, aos livros, fazer questionários sobre as dificuldades pelas quais eles estavam passando. Com essa retomada para a sala de aula tradicional, fez-se a reorganização das aulas, lembrando que nas primeiras aulas foi apresentado aos estudantes a nova disciplina. Assim como, explicado a eles como funciona o “novo ensino médio”. No entanto, com o retorno à escola depois de dois anos afastados, os alunos apresentaram comportamentos difíceis diante de tantas novidades, somando-se a exigência de autoria e protagonismo. Embora, praticamente todos aparentassem conhecer muito bem os recursos do telefone celular, com exceção de alguns que não possuíam telefone, no uso do chromebook mostravam dificuldades em digitalizar, preencher ou acessar e-mail, navegação para pesquisa, escrita no word, formulários e outras atividades. Além do despreparo, não se motivaram a aprender, a tentar dominar essas ferramentas.

Outros problemas surgiram, das dificuldades com senhas, com download e incompreensão do uso da computação como meio de aprendizagem. Muitos alunos ligados à ideia de aprender somente através de cópia do quadro. Outros alunos apresentavam insegurança e dificuldades de usar sua autonomia, por exemplo, dentre vários *links* com assuntos propostos para que escolhessem dois ou três desses *links*, não conseguiam escolher, ler e fazer anotações. O fato de ter que falar sobre a pesquisa numa aula seguinte, deixava-os ainda mais paralisados diante da tarefa. O procedimento foi parar as aulas e voltar-se ao problema, revendo o plano de ensino e retomando os passos: saber **O QUE** ensinar: o conhecimento específico; saber **COMO** ensinar: os conhecimentos teórico-práticos, pedagógicos e didáticos; saber **A QUEM** ensinar: conhecer a realidade dos alunos; e, saber **PARA QUE** se ensina: a construção do processo de autonomia do sujeito, situando a educação como um processo de emancipação desse sujeito (MEC, 2013). Para isso, é fundamental perceber-se o meio socioeconômico e cultural, o qual a escola está inserida.

Nesse sentido, a reflexão de Demerval Guillarducci Bruzzi (2016) de que não basta a tecnologia é preciso dar um rumo aos estudantes para que possam usar de forma útil seu conhecimento, assim ampliando todas as suas capacidades. Portanto, sem solucionar esses problemas reais não há como criar vínculo do processo de aprendizagem com o novos conhecimentos e novas capacidades de se desenvolver (Demerval Guillarducci Bruzzi, 2016).

A busca para solucionar o problema nessas aulas foi olhar para o comportamento dos alunos também fora da escola. A pergunta já não se dirigia aos alunos mas à professora: Como resgatar esses alunos? Embora a professora pensasse na interação com os alunos e como envolvê-los nas aulas, ela refletia o seu fazer pedagógico, os seus métodos. Parafraseando Tardif (2005), o professor como ser existencial e comprometido com o ensino, além da própria história, reúne condições para averiguar e reorganizar as novas condições que se apresentam como obstáculos ao seu fazer pedagógico.

Por meio dos questionamentos levantados para os alunos e à educadora, construiu-se um trabalho de estudo, resultando num projeto fotográfico. Este procurou unir as habilidades

dos alunos com o celular aos meios de pesquisa via internet mais as ferramentas de apresentação de slides, além de edição e método de pesquisa e fontes.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Ao perceber que o uso do celular era indispensável para obter a atenção dos alunos, o projeto centralizou o telefone móvel como centro do trabalho. Definiu-se que as fotografias seriam preferencialmente feitas pelo celular. A ideia consistia em cada aluno fazer um álbum de fotografias sobre um tema preferido, após usar o powerpoint para criar uma apresentação das imagens com introdução, justificativa e referências das fontes consultadas. Para isso, eles tiveram que assistir aulas sobre a evolução tecnológica através das eras. Também estudaram a evolução das máquinas fotográficas e da fotografia, assim como do telefone até chegar aos celulares de hoje. A forma de projeto motivou muitos dos alunos que estavam desinteressados nas aulas.

Ainda, com intenção de inspirar, estimular e acrescentar conhecimentos aos alunos, foi-lhes apresentado um especial da DW Brasil³ sobre um dos maiores fotógrafos brasileiros, Sebastião Salgado. Além do filme “Sal da terra”⁴ que retrata a vida do fotógrafo e sua carreira. Às outras fontes consultadas se somam livros didáticos com linhas do tempo referentes à fotografia e máquina fotográfica, bem como os momentos históricos marcados pela fotografia, blogs de fotógrafos locais e *sites* de informações seguras e consultadas pela professora. O acesso aos sites era feito pela plataforma google sala de aula, onde os links eram compartilhados, assim os alunos aprenderam a usá-la da forma correta. O trabalho depois de pronto foi compartilhado no google sala de aula e dali exibido para toda a turma por meio de datashow numa sala de apresentações.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A proposta surtiu efeito positivo, a maioria trabalhou muito bem e empolgada com o processo do trabalho. Entenderam o caminho que tinham a trilhar para chegarem ao resultado que lhes foi solicitado que tentassem. Alguns alunos, mantinham uma dificuldade com acessos, senhas e prazos, porém mostravam uma motivação para tentar e ter no final um conteúdo para apresentar aos colegas. O fato do tema fotográfico ser escolha do aluno ajudou muito na disposição do estudante que trouxe as mais diversas ideias como tema. Para citar as mais executadas: a lua, a campanha (zona rural), o pôr do sol, jardins, animais de estimação. Houve um bom retorno dos alunos acerca da pesquisa, da produção do trabalho e da estrutura com ênfase na necessidade de reiterar aos alunos a importância de citar as fontes. Para lembrar que apesar das dificuldades, ainda com

3 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bY6HdPMtqpA>

4 Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8904675/>

pesquisa e dedicação alunos e educadores podem encontrar uma forma de aprender juntos, principalmente nesse momento pós-pandemia em que ficamos tão distantes da sala de aula e das trocas diárias. Desta maneira, com as mudanças nos métodos de ensino e apoios tecnológicos nos explica José Moran que

Aprendemos por meio de processos organizados, junto com processos abertos, informais. Aprendemos quando estamos com um professor e aprendemos sozinhos, com colegas, com desconhecidos. Aprendemos de modo intencional e de modo espontâneo, quando estudamos e também quando nos divertimos. Aprendemos com o sucesso e com o fracasso. Hoje, temos inúmeras formas de aprender. (José Moran, 2015,p.28)

4 CONCLUSÃO

As etapas do projeto foram bem desenvolvidas após o tempo de retomada, de alencar com os alunos as responsabilidades deles no processo de ensino-aprendizagem. Mostrar-lhes os caminhos e as possibilidades de usar a tecnologia a seu favor, como meio, para obter conhecimento e desenvolver habilidades, ao mesmo tempo que usando todos os recursos disponíveis para fazerem algo de que gostassem e se identificassem.

Contudo, não sendo o melhor caminho, um educador sem as condições e formação adequada para a regência de uma nova disciplina, deve recorrer ao seu histórico de formação e atitude pragmática na busca pela qualidade e responsabilidade de educar. As dificuldades alimentam a ação do profissional da educação de se superar diante das barreiras, muitas vezes, surgidas pelo próprio sistema educacional e acrescida pelas dificuldades estruturais.

Desta forma, com persistência se chegou às apresentações fotográficas que em alguns casos superou as expectativas, pois foram muito criativas, obedecendo o processo de pesquisa e referência. Alguns alunos tiveram que refazer partes das referências, ficando claro que uma pesquisa deve ser referenciada, respeitando os direitos autorais e propriedade intelectual. Em resumo a esses elementos essenciais na prática escolar e de aprendizagem dos estudantes. As apresentações ocorreram de forma alegre, pois contemplaram a realidade dos alunos ao mesmo tempo que eles criaram vínculos com o conteúdo a ser aprendido, resultando em materiais com apresentações de qualidade.

REFERÊNCIAS

BRUZZI, Demerval Guillarducci. Uso da tecnologia na educação, da história à realidade atual. Polyphonia, v. 27/1, jan./ jun. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sv/issue/view/1742>

CERNY, Roseli Zen e FAUST, Edla Maria (coord.). Curso de especialização em educação na cultura digital: guia de diretrizes metodológicas - 1. ed. – Brasília : Ministério da Educação, 2013.

COSTA MAGALHÃES, V.. Computadores, Ferramentas Cognitivas - Desenvolvendo o pensamento crítico nas escolas, de David H. Jonassen. Educação, Treinamento e Tecnologias - ISSN 1646-933X , América do Norte, 1 de dezembro. 2008. Disponível em: < <https://eft.education.pt/index.php/eft/article/view/60/41> >. Acesso em: 27 mar. 2023.

MORAN, J. Educação híbrida: um conceito chave para a educação, hoje.in:BACICH, TANZI & TREVISANI (Orgs) O Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação, – Porto Alegre: PENSO, 2015, Págs. 27-45

PEREIRA, José Paulo Speck (org.). Curso de especialização em educação na cultura digital:

guia de diretrizes metodológicas / Edla Maria Faust Ramos ... [et al.]. - 1. ed. – Brasília :
Ministério da Educação, 2013.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis, RJ: Vozes. 2022.